

ABREU, Caio Fernando. *A vida gritando nos cantos: crônicas inéditas em livro (1986-1996)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. 245 p.

Caio Fernando Abreu (1948-1996), escritor consagrado da literatura brasileira, agraciado com diversos prêmios, insere-se entre aqueles que se dedicaram de modo intenso ao jornalismo e à literatura. Na literatura, seus romances, contos, poemas e peças teatrais permanecem atuais e, conseqüentemente, universais, servindo de inspiração para leitores e novos escritores. No jornalismo, suas crônicas, que muitas vezes oscilam entre o literário e o não literário, abarcam a “circunstância do registro de como os nervos das pessoas estão sendo tocados pelos estímulos da mídiassfera”, destaca Moriconi (2012, p. 13).

O talento de Caio como cronista pode ser apreciado, para quem não teve a oportunidade de acompanhá-lo em vida, no livro *A vida gritando nos cantos: crônicas inéditas em livro (1986-1996)*, publicado em 2012. Essa obra compõe-se de cento e nove crônicas divididas e organizadas, conforme o sumário, em três momentos, com os seguintes títulos: “(1986-1988)”, composto de 66 textos; “(1993-1996)”, composto de 39 textos, e “Crônicas sem data”, composto por 4 textos, todas publicadas no jornal *O Estado de São Paulo* no decorrer de dez anos (1986-1996), selecionadas por Lara Souto Santana e Liana Farias. Antecedendo as crônicas, destacam-se dois paratextos, a “Nota editorial”, da própria editora, e “Escrita vertiginosa”, de Italo Moriconi.

O primeiro cumpre a função de apresentar e justificar a publicação salientando que as crônicas “gravitam em torno de temas como amor, morte, política, sexualidade e solidão, segundo a ótica e a dicção inconfundíveis de Caio Fernando Abreu, ou apenas Caio F. – como ele assinava seus textos!” (Nota, p. 11) e explicar a origem do título, ou seja, que ele foi escolhido a partir da crônica “Querem acabar comigo”, de 24/04/1987, onde, no quarto parágrafo, o cronista, falando da “escassez de tempo” e do conjunto de coisas que tem para fazer “pilhas de cartas não respondidas, livros que só comecei a ler e não consigo terminar (...), pilhas de discos não ouvidos (...)”, afirma: “E a vida gritando nos cantos” (p. 91).

O segundo, “Escrita vertiginosa”, dedica-se a mostrar a relação de Caio com sua escrita, destacando que ele “tinha perfeita noção da diferença quase abissal entre a escrita da crônica e a da literatura de ficção (...). É por

ocupar um plano mais detidamente simbólico e poético que a ficção se distancia da crônica.” (p. 13-14). O autor de “Escrita vertiginosa” salienta ainda que as crônicas de Caio “são crônicas em movimento, para quem está em movimento” (p. 13).

Ao assumir para si o papel de “intérprete aparelhado”, o cronista nos oferece uma visão pessoal e particular, porque repensa “pelas vias da emoção aliada à razão”, acerca do tema e/ou episódio selecionado, incluindo, geralmente, dados ou elementos que ultrapassam o caráter meramente informativo. Nessa perspectiva, a crônica nasce de um fato ou de uma “circunstância” do cotidiano eleito pelo cronista, que passa a tratá-lo de forma especial, transformando e/ou recriando-o a partir de sua visão de mundo e de sua subjetividade, mostrando o que o levou a compartilhar tal acontecimento com o universo de leitores. Dependendo da “circunstância” escolhida pelo cronista e da forma como ele a retrata, revela-se, muitas vezes, a sensação de uma conversa direta ou de um diálogo explícito com o leitor, sugerindo, portanto, uma tentativa de dividir essa experiência ou de simplesmente revelar seu ponto de vista sobre o assunto abordado.

Destaca-se, ainda, que, em função dessa capacidade de repensar acontecimentos pelas vias da emoção aliada à razão, o cronista abre caminho para a oscilação da crônica entre o jornalismo e a literatura, caracterizando-se, por isso, como um gênero híbrido. Esse hibridismo nota-se, também, se considerarmos a possibilidade de aproveitar, na crônica, elementos próprios de outros gêneros textuais como, por exemplo, do relato ficcional. Tal aproveitamento definirá a transitoriedade do texto, ou seja, se literário, será lido por várias gerações, se jornalístico, no dia seguinte já teremos outra “circunstância”, outra crônica, outro ponto de vista e outro posicionamento.

Essa caracterização da crônica, mesmo que breve, revela-se no livro *A vida gritando nos cantos* (2012), de Caio Fernando Abreu, porque mostra a capacidade de repensar acontecimentos pelas vias da emoção aliada à razão. Nas crônicas, acompanha-se o cronista, Caio F., falando sobre si mesmo e sobre os outros, numa dimensão que vai além do egocentrismo, porque se mostra um sujeito envolvido com seu tempo e respectivos acontecimentos da mesma forma que se volta para o seu trabalho como cronista semanal, como ocorre nas crônicas “Querem acabar comigo” e “Despedida provisória”, publicadas em 29/04/1987 e em 02/12/1987, respectivamente.

Em “Querem acabar comigo” tem-se a oportunidade de ler o desabafo do narrador, Caio F., sobre o processo de criação de suas crônicas, ou melhor, sobre a dificuldade de ter um assunto ou uma “circunstância”, de acordo com Sá, para a crônica semanal. Segundo o narrador<sup>4</sup>, é segunda-feira, são nove horas da manhã, e ele está sentado “na escrivania, mas hoje não tenho nada a dizer. Quase nada. Ou o que teria a dizer são as coisas que só interessam a mim, não a quem lê. Então, hoje vocês vão ter paciência comigo. Hoje tem sessão queixa” (p. 90). Na falta de uma “circunstância” específica e de interesse coletivo, já que o que ele tem a dizer só interessa a ele, Caio F., elege como assunto “sessão queixa”, informando, primeiro, que neste dia todos terão de “ter paciência” com ele. Para conformar a “sessão queixa”, que por si só sugere o caráter introspectivo e memorialístico do texto, Caio apresenta um balanço de sua atividade: “andei fazendo as contas: há treze meses escrevo aqui, uma vez por semana. São pelo menos cinquenta e duas semanas, pelo menos cinquenta e duas crônicas como esta. Eu acho muito” (p. 90). Nesse balanço, ele afirma que não consegue escrever sem sofrer, mesmo quando se diverte e que está cansado, porque “não é simples escrever, não é um processo automático, do tipo sente e escreve” (p. 90).

O tom introspectivo encontra-se também na crônica “Despedida provisória”, publicada oito meses depois de “Querem acabar comigo”, que tem como ponto de partida a mesma situação da crônica anterior: escrevendo na manhã de segunda-feira. A diferença é que nessa segunda-feira o céu “está muito azul” e o cronista tem a “circunstância”: despedida rápida, provisória, porque vai ficar um tempo sem escrever no jornal (p. 137), “um pouco porque vou viajar, tenho um trabalho a fazer no Rio de Janeiro. Mas principalmente porque preciso de tempo – me dar um tempo, sabe como? Ando meio esvaziado.”

O motivo de andar “meio esvaziado” deve-se à finalização do livro *Os dragões não conhecem o paraíso*, sobre o qual não se sente capaz de falar, mas que “está pronto, entregue”, que “foi demorado, foi difícil, talvez mais difícil que qualquer outro dos anteriores”. Na sequência, mesmo tendo dito que não se sente capaz de falar sobre o livro, Caio fala sobre ele, revelando que foi escrito “para não morrer”, adiando a conversa para abril, quando será publicado (p. 137).

No que se refere aos outros ou sobre outros sujeitos, há referências significativas relacionadas ao mundo das artes, em especial à música e à

literatura. Dentre elas, por exemplo, a crônica “Para Rita Lee, com amor e irritação”, de 08/01/1995, na qual se dirige à cantora ressaltando, primeiro, o amor e a admiração que sente por ela, segundo, a preocupação com a saúde dela, após se inteirar que ela tinha sido internada no hospital, terceiro, dizendo a ela: “não pode você ficar mal, Rita. Você tem responsabilidades. Não falo nem de filhos, trabalho, essas coisas. Falo de mim e de nós que te amamos tanto e pra quem você deu tantos toques bons de vida nos últimos pelo menos, sei lá, quase trinta anos. Você tranqüilizou a todas as ovelhas negras das famílias (...)” (p. 204).

Na mesma temática musical e amorosa, escreve sobre o show “Estava escrito”, de Ney Matogrosso, “Ney Matogrosso, muito além do bustiê”, de 03/02/1995, na qual ele afirma: “Ney foi o anjo enviado por Deus para que o brasileiro compreenda melhor sua louca identidade de homem-mulher unidos num só: pássaro-tigre, cobra-borboleta, miséria-esplendor. Muito além do bustiê, Ney Matogrosso parece uma tese de mestrado ao vivo sobre a ambiguidade deste país. Tê-lo entre nós nos deixa mais nítidos e mais felizes também, pois a clareza dele é bela e como ele é nós, épico e arquetípico, nos tornamos belos através dele e muito mais livres e muito mais nobres.”

No que se refere à literatura, em várias crônicas, do conjunto tão bem selecionado por Lara e Liana, tem-se a oportunidade de conhecer um pouco mais do Caio leitor, porque em quase todas elas há referências literárias a partir dos nomes de autores ou de obras ou ainda de versos ou fragmentos de obras citados, que garantem ao texto, além da circunstância temática tratada naquele dia, um jogo intertextual significativo e particular, que propicia ao leitor a oportunidade de ultrapassar o caráter meramente informativo da crônica.

É nessa perspectiva que a crônica de Caio F. se insere na caracterização de Jorge de Sá, ou seja, ela oferece uma visão pessoal e particular acerca do tema/episódio selecionado pensado “pelas vias da emoção aliada à razão”. Tal conclusão reafirma também o papel do cronista: “ser o porta voz, o intérprete aparelhado para nos devolver aquilo que a realidade não gratificante sufocou: a consciência de que o lirismo no mundo de hoje não pode ser a simples expressão de uma dor de cotovelo, mas acima de tudo um repensar constante pelas vias da emoção aliada à razão”.

Portanto, a leitura de *A vida gritando nos cantos* possibilita rever e/ou conhecer o Caio F. cronista, consciente dessa função, como se confirma na

crônica ‘Querem acabar comigo’, na qual afirma: “para escrever é preciso ver o mundo”, ou seja, para uma crônica nascer é necessária uma “circunstância”, porque “não se arrancam palavras do nada”, elas “brotam de coisas de seres vivos”.

Convém, por fim, salientar, ainda, que o tom introspectivo, próprio da crônica, isto é, o cronista falando de si mesmo ou de outros, é a vida que está sendo focalizada por um viés disposto a alcançar um amplo contingente humano, sem dar uma resposta, mas disposto a sugerir parar, refletir, seguir, como se confirma no último parágrafo de ‘Querem acabar comigo’:

Parar como param os monges budistas. Parar e olhar. Só um minuto. Pronto: agora tenho que sair correndo outra vez para ganhar a vida. Ganhar ou perder? Eu sei a resposta. Mas posso cantar baixinho um velho Roberto Carlos, aquele assim: “Querem acabar comigo / isso eu não vou deixar”. Juro que não.

---

**Regina Kohlrausch**

regina.kohlrausch@pucrs.br

Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora Titular da Faculdade de Letras da PUCRS.

Resenha recebida em 23 de setembro de 2013.

Resenha aceita em 12 de outubro de 2013.